Nona

Stephen King

Ouvi sua voz dizendo isto - algumas vezes ainda a ouço. Em meus sonhos.
- Você ama?
- Sim - respondo. - Sim - e o verdadeiro amor jamais morrerá.
Então, acordo gritando.

Mesmo agora, eu não sei como explicar. Não posso contar por que fiz aquelas coisas. Tampouco poderia fazê-lo no julgamento. E aqui há um bando de gente que me interrogará a respeito. Há um psiquiatra que me faz perguntas, mas fico calado. Meus lábios estão selados. Exceto aqui, em minha cela. Aqui não fico calado. Acordo gritando.

No sonho, eu a vejo caminhando para mim. Está usando um vestido branco, quase transparente, com uma expressão mesclada de desejo e triunfo. Ela caminha para mim através de um aposento escuro, com piso de pedra, e sinto cheiro de rosas secas de outubro. Seus braços estão abertos e aproximo-me com os meus também abertos, a fim de abraçá-la.

Sinto medo, respulsa, uma ânsia indizível. Medo e repulsa, porque sei que lugar é aquele, ânsia, porque a amo. Sempre a amarei. Houve vezes em que desejei que ainda houvesse pena de morte neste estado. Uma curta caminhada por um corredor sombrio, uma cadeira de espaldar reto, dotada de um chapéu metálico, correias... depois um rápido sacolejo, e eu estaria com ela.

A medida que nos aproximamos, no sonho, meu medo aumenta, mas é impossível afastar-me dela. Minhas mãos se pressionam sobre a lisura plana de suas costas, sua pele logo abaixo da seda. Ela sorri, com aqueles olhos negros e profundos. Sua cabeça

se ergue para a minha, os lábios se entreabrem, prontos para serem beijados.

É então que ela se modifica, se encolhe. Os cabelos ficam ásperos e embolados, dissolvendo-se do negro para um horroroso castanho, que cai sobre a brancura cremosa de suas faces. Os olhos se apertam e ficam vidrados como contas. As escleróticas desaparecem e ela me fita com olhinhos semelhantes a duas bolas de azeviche polido. A boca se torna um papo, através do qual salientam-se tortos dentes amarelos.

Eu tento gritar. Tento acordar.

Não posso. Sinto-me preso novamente. Sempre ficarei preso.

Estou preso em um enorme, fétido cemitério de ratos. Luzes oscilam diante de meus olhos. Rosas de outubro. Em algum lugar, um sino bimbalha surdamente.

- Você ama? - a coisa sussura. - Você ama?

O cheiro das rosas é sua respiração, quando ela se precipita para mim, dores mortas em uma capela mortuária.

- Sim -respondo à coisa-rato. -Sim -e o verdadeiro amor jamais morre-

Então, começo a gritar e acordo.

Eles pensam que o que fizemos me deixou louco. Não obstante, minha mente continua funcionando, de um jeito ou de outro, e nunca parei de buscar as respostas. Ainda quero saber o que foi e como foi.

Eles me deram papel e uma caneta de pontas de feltro. Vou registrar tudo. Talvez responda a algumas de suas perguntas e, ao mesmo tempo, enquanto escrevo talvez possa responder a algumas das minhas. E quando terminar, há algo mais. Algo que eles ignoram em meu poder. Algo que eu tenho. Está aqui, debaixo do meu colchão. Uma faca, do refeitório da prisão.

Devo começar falando a vocês sobre Augusta.

E noite enquanto escrevo isto, uma bela noite de agosto, pontilhada de estrelas cintilantes. Posso vê-Ias através das grades de minha janela, que dá para o pátio de exercícios e também para uma fatia de céu, que posso bloquear com dois dedos. Faz muito calor e estou apenas de sunga. Posso ouvir os suaves rumores estivais de sapos e grilos. No entanto, consigo trazer o inverno de volta, apenas fechando os olhos. O frio amargo daquela noite, as desoladas, duras e inamistosas luzes de uma cidade que não era a minha. Era quatorze de fevereiro.

Como vêem, lembro-me de tudo.

E olhem para meus braços - cobertos de suor, ficaram arrepiados.

Augusta...

Quando cheguei a Augusta, estava mais morto do que vivo, por causa do frio. Escolhera um belo dia para despedir-me do cenário da universidade e viajei de carona para o oeste; antes de sair do estado, parecia que poderia morrer congelado.

Um tira me chutara na divisa interestadual, ameaçando prender-me se tornasse a me pegar por ali, pedindo carona. Quase fiquei tentado a desacatá-lo e deixar que me levasse. A lisa fita de auto-estrada com quatro faixas parecia a pista de pouso de um aeroporto, com o vento ululando e empurrando membramas de neve pulverizada, em turbilhões ao longo do concreto. E, para os anônimos Eles, por trás de seus garantidos pára-brisas, qualquer um em pé no acostamento, em uma noite escura, só pode ser um estuprador ou assassino. Se o sujeito tem cabelos compridos, ainda é encarado como molestador de criança e homossexual.

Durante algum tempo, fiquei tentando na estrada de acesso, mas não adiantou. Faltando quinze minutos para as oito da noite, percebi que se não chegasse logo a algum lugar aquecido, acabaria desmaiando.

Caminhei dois quilômetros, antes de encontrar uma combinação de restaurante e posto para diesel, na estrada 202, já dentro dos limites da cidade. A BOA COMIDA DO JOE, dizia o anúncio em neon. Í-Iavia três enormes ônibus estacionados no pátio de pedrinhas soltas e um sedã novo. Uma coroa de Natal, já surrada, estava pendurada à porta, sem que ninguém se preocupasse em retirá-la. Perto dela, um termômetro mostrava exatamente cinco graus de mercúrio acima do grande zero. Eu nada tinha para cobrir os ouvidos além dos cabelos e minhas

luvas de couro cru já se desintegravam. As pontas de meus dedos pareciam pedaços de móveis.

Abri a porta e entrei.

O calor foi a primeira coisa que me recebeu, quente e gostoso. Em seguida, foi uma canção montanhesa na vitrola automática, na voz indiscutível de Merle Haggard: "Não deixamos nossos cabelos compridos e desgrenhados, como fazem os hippies em San Francisco."

A terceira coisa foi O Olho. A gente passa a conhecer O Olho, assim que deixa os cabelos crecerem abaixo dos lóbulos das orelhas. No mesmo instante, os outros sabem que não fazemos parte dos Lions, Elks ou VFW - os Veteranos.de Guerras no Estrangeiro. Identificamos O Olho, porém nunca nos acostumamos a ele.

Naquele exato momento, as pessoas que me dirigiam O Olho eram quatro motoristas de caminhão em uma cabine, dois mais ao balcão, duas velhotas com casacos de pele baratos e cabelos rinsados de azul, o cozinheiro de refeições rápidas e um rapazola basbaque, com espuma de sabão nas mãos. Havia uma garota sentada no extremo mais distante do balcão, porém ela se limitava a contemplar o fundo de sua xícara de café.

Foi ela a quarta coisa que me tocou.

Já tenho idade suficiente para saber que não existe isso de amor à primeira vista. Trata-se apenas de algo que Rodgers e Hammerstein idealizaram um dia, para rimar com lua e junho. Esse negócio é para jovens de mãos dadas nos bailes escolares, certo?

Contudo, olhar para ela faz-me sentir algo. Podem rir, mas aposto como não ririam, se a tivessem visto. Ela era quase inacreditavelmente linda. Sem a menor sombra de dúvida, compreendi que todo mundo ali dentro, sabia o mesmo que eu. Como se eu soubesse que ela era alvo de O Olho, antes de minha chegada. Tinha cabelos cor de carvão, tão negros, que pareciam quase azulados sob as luzes fluorescentes. Caíam livremente por seus ombros, cobertos por um casaco surrado, castanho-amarelo. Tinha a pele branco-cremosa, com apenas um ligeiríssimo toque rosado abaixo da superfície -o frio que havia trazido consigo. Cílios negros e compridos. Olhos solenes, um pouquinho amendoados nos cantos. Uma boca cheia e móvel, abaixo de um nariz patrício. Eu não poderia dizer como era seu corpo. Não fazia diferença. Vocês não se importariam também. Ela precisava apenas daquele rosto, daqueles cabelos, daquele ar. Era refinada. Não conheço outra palavra que se ajuste melhor.

Nona.

Sentei duas banquetas distante dela e o cozinheiro de refeições rápidas aproximou-se, olhando para mim.

- O que vai querer?

- Café puro, por favor.

Ele foi buscá-lo. Atrás de mim, alguém disse:

- Bem, acho que Cristo voltou, justamente como mamãe sempre disse que Ele voltaria.

O lavador de pratos basbaque riu, emitindo um rápido som como iec-iec. Os motoristas do balcão riram também.

O cozinheiro trouxe meu café, soltou-o em cima do balcão e derramou um pouco sobre a carne constelada de minha mão. Puxei-a bruscamente.

- Desculpe - disse ele, indiferente.

- Ele mesmo se curar - disse um dos motoristas da cabine.

As gêmeas de cabelos rinsados pagaram suas contas e apressaram-se em dar o fora. Um dos cavaleiros da estrada investiu para a vitrola automática e enfiou nela outra moeda. Johnny Cash começou a cantar "Um rapaz chamado Sue", Soprei meu café.

Alguém puxou minha manga. Virei a cabeça e lá estava ela - tinha vindo para a banqueta vazia. Olhar de perto para aquele rosto era quase ofuscante. Entornei um pouco mais de meu café.

- Sinto muito - disse ela, em voz baixa, quase átona.

- A culpa foi minha. Ainda não tenho muito tato no que faço.

- Eu...

Ela parou, como que constrangida. De repente, percebi que estava amedrontada. Senti novamente minha primeira reação por ela -a de protegê-la, cuidar dela, não deixá-la ter medo.

- Preciso de uma carona -terminou, apressadamente. -Não tive coragem de pedir a nenhum deles - acrescentou, fazendo um gesto quase imperceptível para os motoristas de caminhão na cabine.

Não sei como fazê-los compreender que daria qualquer coisa -tudo - para ser capaz de dizer-lhe, Claro, termine seu café, lenho o carro lá fora. Parece loucura dizer que me sentia assim, após ouvir uma meia dúzia de palavras de sua boca e o mesmo número da minha, porém aconteceu. Olhar para ela era como ver a Mona Lisa ou a Vênus de Milo adquirirem vida. Havia ainda outra sensação. Era como se uma súbita e potente luz se houvesse subitamente acendido na confusa escuridão de minha mente. Tudo ficaria mais fácil, se eu pudesse dizer que ela era uma garota fácil e eu um homem rápido em conquistar mulheres, ágil em piadinhas e um bom papo, mas ela não era desse tipo e nem eu tampouco. Naquele momento, eu sabia apenas que não podia proporcionar o que ela queria e isso me dilacerava.

- Estou viajando de carona - falei. - Um tira me expulsou para fora da interestadual e só vim até aqui para fugir do frio. Sinto muito.

- Você é da universidade?

- Fui. Saí antes que me mandassem embora.

- Está voltando para casa?

- Não tenho casa para onde ir. Fui tutelado do estado. Estava na universidade com uma bolsa-de-estudos. Caí fora. Agora, não sei para onde ir.

Era a história de minha vida, em cinco frases. Acho que isso me deixou deprimido. Ela riu - o som de seu riso me esquentou. depois esfriou.

- Acho que somos gatos do mesmo saco - disse.

Pensei que ela dizia gatos. Pensei, no momento. Naquele instante. Contudo, aqui tive tempo para refletir e cada vez tenho mais impressão de que ela teria dito ratos. Ratos do mesmo saco. Isso mesmo. E eles não têm significado igual, têm?

Eu ia iniciar minha melhor linha de conversa - algo inteligente como "É mesmo?" - quando uma mão caiu em meu ombro.

Virei-me. Era um dos motoristas da cabine. Uma barba loura começava a despontar em

seu queixo e havia um fósforo pendurado em sua boca. Ele cheirava a óleo de motor e parecia algo saído de um desenho de Steve Ditko.

- Acho que você já acabou esse café - disse ele.

Seus lábios dividiram-se em torno do fósforo, exibindo um sorriso. O homem tinha um bocado de dentes muito alvos.

- Como?

- Você está deixando o lugar fedorento, cara. Você é um cara, não? Fica um tanto difícil adivinhar.

- Você também não é nenhuma rosa -repliquei. - Qual a sua loção de barba, simpático? Eau de óleo-de-cárter?

Ele me deu um tapa brutal em um lado do rosto, com a mão aberta. Vi pontinhos pretos.

- Nada de brigas aqui dentro-disse o cozinheiro de refeições rápidas. -Se está querendo amarrotá-lo, vá lá para fora.

- Vamos, seu comunista maldito - disse o motorista.

É a esta altura que uma garota costuma dizer alguma coisa, como "Tire as mãos de cima dele" ou "Seu bruto". Ela não disse nada. Olhava para nós dois com febril intensidade. Chegava a ser assustador. Creio ser aqúela a primeira vez em que percebi como seus olhos eram enormes.

- Vou precisar esmurrá-lo outra vez?

- Não. Vamos, saco de bosta!

Não sei como aquilo saltou de mim. Não gosto de brigar. Não sou um bom lutador. Sou ainda pior para xingamentos. Contudo, estava zangado. No mesmo instante, senti vontade de matá-lo.

Talvez ele houvesse captado meu desejo. Por um segundo apenas, uma sombra de incerteza passou por seu rosto, a inconsciente dúvida de se não teria escolhido o hippie errado. Então, desapareceu. Não, ele não ia recuar, diante de um efeminado esnobe e elitista, de cabelos compridos, que usava a bandeira para limpar o traseiro -pelo menos, não em frente de seus companheiros. Não um motorista de caminhão, forte e machão como ele.

A raiva me tomou novamente. Bicha? Bicha? Perdi o controle e foi bom sentir-me assim. A língua estava espessa em minha boca. Meu estômago parecia um pedaço de pedra.

Cruzamos a porta e os chapas do meu chapa quase quebraram as costas, querendo apreciar a diversão.

Nona? Pensei nela, mas apenas de maneira vaga, distante. Sabia que ela estaria lá. Nona cuidaria de mim. Sabia disso, tão bem como sabia que lá fora estava frio. Era estranho saber isso de uma garota conhecida apenas cinco minutos antes. É curioso, mas só mais tarde pensei nisso. Minha mente estava tomada - não, quase sobrecarregada - pela pesada nuvem de fúria. Eu me sentia homicida.

O frio estava tão cortante e sólido, que dava a impressão de cortar nossos corpos como faca. O cascalho gelado do pátio de estacionamento rangeu cruamente sob as pesadas botas do motorista e os meus sapatos. A lua, cheia e intumescida, espiava para nós com um olho insosso. Estava rodeada de anéis desbotados, sugerindo mau tempo a caminho. O céu era negro como uma noite no inferno. Deixávamos pequenas sombras miniaturizadas atrás de nossos pés, ao brilho monocrómico de uma única lâmpada de sódio, no alto de um poste, além dos veículos estacionados. Nossa respiração pairava no ar como pluma, em alentos curtos. O motorista se virou para mim, comprimindo os punhos enluvados.

- Muito bem, seu filho da puta - disse ele.

Eu pareci inchar - todo o meu corpo parecia inchar. De algum modo, entorpecidamente, eu soube que meu intelecto ia ser eclipsado por algo invisível, que jamais suspeitara existir em mim. Era aterrorizante, porém ao mesmo tempo eu agradeci, desejei-o, ansiei por aquilo. Naquele último instante de pensamento coerente, parecia que meu corpo se tornara uma pirâmide de pedra ou um ciclone capaz de destruir tudo que tivesse pela frente, reduzindo a gravetos. O motorista parecia pequenino, reles, insignificante. Ri dele. Ri, e o som era tão negro e lúgubre como aquele céu manchado pela lua, acima de nós.

Ele investiu gingando os punhos, ainda rindo como um cão de fazendeiro latindo para a lua. Atingi-o três vezes, antes mesmo dele poder fazer um quarto de volta - no pescoço, no ombro, em uma orelha vermelha.

Ele emitiu um grito uivado e uma de suas mãos em movimento me roçou o nariz. A fúria que me tomara avolumou-se e tornei a chutá-lo, erguendo o pé alto e com força, como uma ponteira. Ele gritou dentro da noite e ouvi uma costela estalar. O homem se dobrou e saltei sobre ele.

No julgamento, um dos outros motoristas de caminhão testemunhou que eu parecia um animal selvagem. E era mesmo. Não posso recordar bem como foi, porém posso recordar que grunhia e rosnava para ele como um cão danado.

Montei nele, agarrei punhados duplos de seus cabelos gordurosos e comecei a esfregar-lhe o rosto no cascalho. À claridade monótona da luz de sódio, seu sangue parecia negro, como sangue de besouro.

- Jesus, pare com isso! - alguém gritou.

Mãos agarraram meus ombros e me puxaram. Vi rostos rodopiando e avancei para eles.

0 motorista tentava fugir dali. Seu rosto era uma horrenda máscara de sangue,

de onde seus olhos alucinados espiavam. Comecei a chutá-lo, afastando-me dos demais, rosnando de satisfação a cada vez que o atingia.

Ele não tinha mais condições de luta. Tudo quanto queria era ir embora. A cada vez que eu o chutava, seus olhos se espremiam, semicerrando-se, como os de uma tartaruga. e então ele parava. Depois, recomeçava a engatinhar. Parecia idiotizado. Decidi que ia matá-lo. Ia chutá-lo até tirar-lhe a vida. Depois mataria os outros - todos, exceto Nona.

Voltei a chutá-lo e ele rolou de costas, fitando-me com olhos esgazeados.

- Meu tio - grasnou. - Vou chamar meu tio. Por favor, por favor!

Ajoelhei-me ao seu lado, sentindo o cascalho morder-me os joelhos, através do tecido tino de meu jeans.

- Aqui está, simpático - cochichei. - Aqui está seu tio!

Engalfinhei as duas mãos em seu pescoço.

Três deles saltaram em cima de mim imediatamente e arrancaram-me daquela posição. Levantei-me, ainda sorrindo, comecei a caminhar para eles. Os três recuaram, três homens grandalhões, todos verdes de medo.

Então, a coisa desligou.

Exatamente assim. Desligou e voltei a ser eu mesmo, parado no pátio de estacionamento do "A Boa Comida do Joe", respirando com dificuldade, sentindome nauseado e aterrorizado.

Virei-me e olhei para o bar. A garota estava lá; suas belas feições pareciam iluminadas pelo triunfo. Ela ergueu um punho fechado à altura do ombro, em saudação, como fez um daqueles caras negros nas Olimpíadas nessa época.

Virei-me agora para o homem no chão. Ele ainda tentava engatinhar para longe e, ao aproximar-me, seus olhos giraram ternerosamente.

- Não toque nele! - gritou um de seus amigos.

Olhei para eles, confuso.

- Eu... sinto muito... não queria... machucá-lo tanto. Deixem-me ajudá-lo...

- O que você vai fazer é dar o fora daqui -disse o cozinheiro. Estava parado à frente de Nona, ao pé dos degraus, aferrando uma espátula gordurosa. - Vou chamar os tiras.

- Ei, cara, foi ele que começou.' Ele...

- Não me venha com sua conversa fiada, seu bicha piolhento-disse ele, recuando até o alto dos degraus. - Só sei que você quase matou aquele sujeito. Vou chamar os tiras!

O cozinheiro precipitou-se para o interior.

- Tudo bem - falei, para ninguém em particular. - Tudo bem, tudo bem...

Havia deixado minhas luvas de couro cru lá dentro, mas não me pareceu uma boa idéia tornar a entrar para pegá-las. Enfiei as, mãos nos bolsos e comecei a caminhar de volta à estrada interestadual de acesso. Imaginei minhas chances de pegar uma carona, antes que os tiras me apanhassem. Uma em dez. Minhas orelhas congelavam e meu estômago doía. Que noite miserável!

- Espere! Ei, espere!

Virei-me. Era ela, correndo para alcançar-me, os cabelos voando às suas costas.

- Você foi maravilhoso! - exclamou. - Formidável.

- Eu o machuquei muito - falei, taciturnamente.

antes.

- Nunca fiz nada assim

- Pois eu gostaria que o tivesse matado!

Pestanejei para ela, à luminosidade gélida.

- Devia ter ouvido as coisas que diziam a meu respeito, antes de você chegar. Riam, daquela maneira aberta, debochada e suja - "Ha, ha, ha, vejam só a garotinha, fora de casa tanto tempo, já noite fechada. Para onde vai, meu bem? Quer uma carona? Eu lhe darei uma carona, se você me der outra. Porra!"

Ela olhou para trás sobre o ombro, como se pudesse liquidá-los com um súbito raio de seus olhos escuros. Depois me fitou e, novamente, era como uma lanterna, virada sobre minha mente.

- Meu nome é Nona. Vou com você.

- Para onde? Para a cadeia? - Passei as duas mãos nos cabelos. - Desta maneira, o primeiro sujeito que nos der uma carona bem pode ser um tira estadual. Aquele cozinheiro falava sério, quando avisou que ia chamar a polícia.

- Eu peço a carona. Você ficará atrás de mim. Quando me virem, eles vão parar. Sempre param para uma garota, se for bonita.

Não quis discutir com ela a respeito e nem podia. Amor à primeira vista? Talvez não. Enfim, era alguma coisa. Dá para entender?

- Tome - disse ela. - você esqueceu lá dentro.

Eram as minhas luvas. Ela não tornara a entrar, de maneira que devia ter estado com as luvas o tempo todo. Sabia que viria comigo. Aquilo me deu uma sensação fantástica. Calcei as luvas e caminhamos para a estrada de acesso, na rampa de pedágio.

Ela estava certa sobre a carona. Tomamos o primeiro carro que apareceu na rampa.

Não falamos mais nada enquanto esperávamos> porém foi como se falássemos. Não vou enchê-los com uma longa arenga sobre PES e coisas assim, porque devem saber do que estou falando. Qualquer um sentiria o mesmo, ao lado de alguém realmente íntimo ou tomando uma daquelas drogas que têm iniciais como nome. Não se precisa falar. A comunicação parece irradiar-se por alguma faixa emocional de alta freqüência. Um gesto de mão faz tudo. Éramos estranhos. Eu só a conhecia pelo primeiro nome, e agora que penso nisto, não creio que lhe tenha dito o meu. Contudo, estávamos sintonizados. Não era amor. Odeio ficar repetindo isso, mas sinto que é preciso. Eu não macularia essa palavra com o que quer que havia entre nós -não depois do que fizemos, não depois de Castle Rock, não depois dos sonhos.

Um uivo agudo, ululante, encheu o frio silêncio da noite, subindo e descendo.

- Parece uma ambulância - falei.

- É, parece.

Silêncio novamente. O luar se dissolvia por trás de uma espessa membrana de nuv3em. Refleti que os anéis em torno da lua não haviam mentido; teríamos neve, antes que a noite terminasse.

Luzes surgiram acima da colina.

Fiquei atrás dela, sem que me fosse mandado. Ela jogou os cabelos para trás e ergueu aquele rosto maravilhoso. Enquanto espiava o carro sinalizar para a rampa de entrada, fui tomado por um senso de irrealidade - era irreal que essa linda jovem houvesse preferido vir comigo, era irreal que eu tivesse espancado um homem, a ponto de chamarem uma ambulância para ele, era irreal pensar que eu poderia estar na cadeia pela manhã. Irreal. Senti-me apanhado em uma teia de aranha. quem seria a aranha?

Nona espichou o polegar. O carro, um sedã Chevrolet, passou por nós e pensei que fosse seguir em frente. Então, faroletes traseiros piscaram e Nona me agarrou a mão.

- Vamos, conseguimos uma carona!

Ela sorriu para mim, com satisfação infantil, e eu lhe sorri de volta. O sujeito inclinava-se entusiasticamente sobre o assento para abrir-lhe a porta. Quando a luz se acendeu, pude vê-lo - um homem razoavelmente corpulento, vestindo um caro sobretudo de pêlo de camelo, os cabelos embranquecendo em torno das abas do chapéu, fisionomia próspera, amolecida por anos de boa comida. Um homem de negócios ou vendedor.

Sozinho. Quando me viu, esboçou uma reação de surpresa, porém tardia em um ou dos segundos, para que pudesse engrenar o carro e ir embora. Aliás, assim foi mais fácil para ele. Mais tarde, poderia vangloriar-se, acreditando que vira nós dois e que realmente era uma boa alma, dando uma carona a um casal.

- Noite fria -disse, quando Nona deslizou ao seu lado e eu me,sentei junto dela.

- Sem dúvida - disse ela, docemente. - Muito obrigada!

- Sim - falei. - Obrigado.

- Não foi nada.

Partimos, afastando-nos de sirenes, deixando para' trás motoristas logrados e A Boa Comida do Joe.

Eu tinha sido chutado para fora da interestadual às sete e meia. Então, eram apenas oito e meia. É espantoso o quanto se pode fazerem um breve período ou quanto podem fazer conosco.

Aproximávamo-nos das pestanejantes luzes amarelas indicando o posto de pedágio de Augusta.

- Até onde vão? - perguntou o motorista.

Era uma pergunta diflcil. Eu esperava chegar até Kittery e encontrar um conhecido, dono de uma escola local. Parecia uma resposta tão boa quanto qualquer outra e já abria minha boca para falar, quando Nona disse:

- Estamos indo para Castle Rock. É uma cidadezinha logo ao sul e a oeste de Lewinston-Auburn.

Castle Rock. Senti-me estranho ao ouvir o nome. Certa vez, tivera excelentes relações com Castle Rock, mas isso fora antes de Ace Merrill se meter comigo.

O sujeito parou o carro, pegou um ticket de pedágio e seguimos viagem novamente.

- Quando a mim, só vou até Gardiner - disse ele, recostando-se confortavelmente no assento. - Terei que tomar a saída número um. De qualquer modo. já é um começo para vocês.

- Claro -disse Nona, em voz tão doce quando antes. -Foi muita gentileza sua parar para nós em uma noite tão fria.

Enquanto ela falava, eu podia captar sua raiva, naquele comprimento de onda altamente emocional, uma raiva crua, cheia de veneno. Aquilo assustou-me, da maneira como me assustaria o tiquetaquear de um pacote embrulhado.

- Meu nome é Blanchette - disse ele. - Norman Blanchette.

Estendeu a mão para nós, cumprimentando.

- Cheryl Craig - disse Nona, apertando-lhe a mão delicadamente.

Aceitei sua deixa e fornecia ele um nome falso.

- Muito prazer - murmurei.

A mão dele era lisa e frouxa. Como um saco de água quente, no formato de mão. O pensamento nauseou-me. Repugnava-me saber que havíamos sido forçados a uma carona com aquele sujeito benevolente, que imaginava ter tido a chance de dar carona a uma moça sozinha, uma moça que podia ou não concordarem uma hora passada em algum quarto de motel, em troca de dinheiro suficiente para comprar uma passagem de ônibus. Repugnava-me saber que, se eu estivesse sozinho. o homem que acabara de oferecer-me sua mão frouxa e quente, seguiria em frente sem mim e sem vacilar. Repugnava-me saber que ele nos desembarcaria na saída para Gardiner, faria o retorno e depois arremeteria novamente pela interestadual, passando por nós pela rampa que levava, ao sul, sem um olhar. congratulándo-se pela facilidade com que resolvera uma situação incômoda. Tudo a respeito dele me repugnava. As dobras porcinas de sua papada, as ondas de cabelo alisadas para trás, o cheiro de sua colônia.

E que direito tinha ele? Que direito?

A repugnância azedou e as flores de raiva começaram a florescer novamente. Os faróis de seu potente sedã Impala varavam a noite com tranqüila facilidade, enquanto minha fúria queria estirar-se e estrangular tudo que dizia respeito a ele - o tipo de música que certamente ouvia, recostado em sua poltrona predileta, com o jornal da noite em suas mãos de bolsa de água quente, a rinsagem que sua mulher devia usar nos cabelos, a roupa debaixo que ela usava, os filhos sempre enviados aos cinemas, à escola ou acampamentos - enquanto o casal se ausentava em algum lugar - os amigos esnobes daquele sujeito e as reuniões de bebedeiras a que compareceria com eles.

Sua colônia, no entanto, era pior. Enchia o carro com o cheiro adocicado e nauseante. Cheirava como o desinfetante perfumado que usam em um abatedouro, ao fim de cada turno.

O carro disparou através da noite, com Norman Blanchette segurando o volante em suas mãos intumescidas. As unhas manicuradas brilhavam suavemente às luzes do painel de instrumentos. Eu queria quebrar o vidro de uma janela e fugir daquele cheiro enjoativo. Não, mais: eu queria arriar todo o vidro da janela, espichar a cabeça para o ar frio, espojar-me na frescura gelada - mas estava congelado, congelado nas mudas entranhas de meu ódio, silencioso e inexpressado.

Foi quando Nona colocou a lima de unhas em minha mão.

Aos três anos de idade, tive um caso de gripe e precisei ficar no hospital. Enquanto permaneci lá, meu pai adormeceu fumando na cama e a casa incendiou-se matando meus velhos e Drake, meu irmão mais velho. Tenho fotos deles. Parecem atores de um

antigo filme de horror da American International, em 1958 rostos que vocês não conhecem como sendo os de grandes astros, mais como El isha Cook, Jr. e Mara Corday, bem como de um ator infantil que não devem recordar bem - Brandon de Wilde, talvez.

Não tenho parentes que ficassem comigo, fui enviado para um orfanato em Porfand, onde fiquei cinco anos. Depois, tornei-me tutelado do estado. Isto significa que uma família toma conta da gente e o estado lhe paga trinta dólares mensais pela guarda. Não creio que haja algum tutelado do estado que tenha adquirido predileção por lagosta. Em geral, um casal aceita dois ou três tutelados - não porque o leite da bondade humana flui em suas veias, mas por ser isto um investimento comercial. Eles nos alimentam. Pegam os trinta pagos pelo estado e nos alimentam. Se uma criança é alimentada, pode pagar pela guarda fazendo tarefas variadas em casa. Isso transforma os trinta em quarenta, cinqüenta, talvez sessenta e cinco pratas. É o capitalismo, aplicado aos sem-lar. No maior país do mundo, certo?

Meus "velhos" chamavam-se Hollis e moravam em Harlow, do outro lado do rio de Castle Rock. A casa de fazenda em que viviam era de três andares e quatorze cômodos. Havia uma lareira de carvão na cozinha, e o calor subia para os andares de cima de maneira como podia. Em janeiro, a gente ia para a cama com três edredons, mas ainda assim, sem certeza de que teria os pés no lugar, quando acordasse na manhã seguinte. Era preciso colocá-los no chão, onde se podia olhar para eles e certificar-se. A Sra. Hollis era gorda. O Sr. Hollis era sovina e raramente falava. A casa era uma total confusão de mobiliário elefante branco, objetos comprados em liquidações, colchões mofados, cachorros, gatos e peças automotivas, encomendadas através dos jornais. Eu tinha três "irmãos", todos eles tutelados. Havia entre nós uma aceitação tácita, éramos como pessoas companheiras de uma viagem de ônibus durante três dias.

Eu tinha boas notas na escola e fui escalado para o beisebol de primavera, no segundo ano do ginásio. Hollis insistia comigo para largar aquilo, mas eu teimei, até acontecer a coisa com Ace Marrili. Então, desisti de continuar, não quis mais, não com o rosto todo inchado e cortado, não com as histórias que Betsy Malenfant andava espalhando. Assim, saí do time e Hollis conseguiu-me um emprego para servir sodas na drugstore local.

Em fevereiro, no último ano letivo, enfreitei a Junta Examinadora, pagando com as doze pratas que tinha enfiado em meu colchão. Fui aceito na universidade, atraves de uma pequena bolsa-de-estudos e com um bom trabalho na biblioteca, para pagar os estudos. A expressão no rosto dos Hollis, quando lhes mostrei os documentos de auxilio financeiro, é a melhor recordação de minha vida.

Curt, um de meus "irmãos", acabou fugindo. Eu não faria algo semelhante. Era passivo demais para tal passo. Estaria de volta depois de duas horas na estrada. A escola era o único meio para mim, de maneira que fui em frente.

A última coisa que a Sra. Hollis disse quando parti, foi, "Quando puder, mande-nos alguma coisa". Nunca mais tornei a vê-los. Tive boas notas em meu primeiro ano e, naquele verão, consegui um emprego de tempo integral na biblioteca. Enviei para eles um cartão de Natal naquele primeiro ano, porém foi o único.

No primeiro semestre de meu segundo ano, fiquei apaixonado. Era a coisa mais importante que já me acontecera. Bonita? Ela faria vocês recuarem dois passos. Até hoje, não imagino o que teria visto em mim. Aliás, nem sei bem se me amava ou não. Creio que amou, a princípio. Depois disso, tornei-me apenas um hábito difícil de romper, como fumar ou dirigir com o cotovelo apoiado na janela do carro. Ela me prendeu por algum tempo, talvez não querendo quebrar o hábito. Possivelmente continuasse comigo por milagre ou então apenas por vaidade. Bom menino, role, sente-se, pegue o jornal. Tome um beijo de boa noite. Não importa. Porque foi amor durante algum tempo, depois foi com amor, então terminou.

Dormi com ela duas vezes, em ambas após outras coisas serem tomadas como amor. Aquilo alimentou o hábito por um período. Então, ao voltar do feriado do Dia de Graças, ela anunciou estar apaixonada por um sujeito Delta Tau Delta, de sua cidade natal. Tentei reconquista-la e quase consegui, mas agora ela possuía algo que não tivera antes - perspectiva.

O que quer que eu estivera construindo por todos aqueles anos, desde que o incêndio aniquilara os atores de filme de segunda que haviam constituído minha família, esse episódio conseguiu derrubar. Isso e o alfinete do tal sujeito, pregado na blusa dela.

Em seguida, andei saindo com três ou quatro garotas que queriam dormir comigo. Eu podia responsabilizar minha infância, quero dizer, pelo fato de nunca haver tido bons modelos sexuais, porém não era esse o caso. Jamais tive problemas com uma garota. Só depois que elas me deixavam.

Comecei a sentir certo receio delas. Acontecia sempre, quer eu fosse ou não importante com elas. Acontece que garotas me deixavam inquieto. Ficava me perguntando onde elas teriam escondido os machados que gostavam de esgrimir e quando iriam usa-los contra mim. Não que eu seja peculiar nesse ponto. Mostrem-me um homem casado ou um homem com uma mulher fixa, e eu lhes mostrarei alguém que pergunta a si mesmo (talvez somente nas primeiras horas da madrugada ou na tarde de sexta-feira, quando ela sai para o supermercado), O que ela andaráfazendo em minha ausência? 0 que ela pensa realmente de mim? E, tal-

vez, acima de tudo, Quanto de mim ela capturou? Quanto restou? Quando eu começava a pensar estas coisas, ficava pensando nelas o tempo todo.

Comecei a beber e minhas notas mergulharam de cabeça. Durante a folga do semestre, recebi uma carta dizendo que, se as notas não melhorassem dentro de seis semanas, seria retido o meu cheque para a bolsa-de-estudos do segundo semestre. Eu e alguns sujeitos com quem andava, ficamos bêbados e assim permanecemos por todo o período daquelas férias. No último dia, fomos a um bordel e tive um desempenho excelente. Estava escuro demais para distinguir rostos.

Minhas notas continuaram baixas. Telefonei para a garota mais uma vez e chorei ao telefone. Ela chorou também e, de certo modo, creio que isso a envaideceu. Eu não a odiava então e não a odeio agora. Contudo, ela me assustava. Assustava-me muito.

A 9 de fevereiro, recebi uma carta do deão de Artes e Ciências comunicando que eu ficara reprovado em duas ou três matérias de minha especialização. A 13 de fevereiro, recebi uma carta algo vacilante da garota. Ela queria que tudo estivesse certo entre nós. Estava planejando casar com o sujeito da Delta Tau Delta em julho ou agosto e eu estava convidado, se quisesse. Chegava a serdivertido. O que dar a ela como presente de casamento? Meu coração, amarrado em uma fita vermelha? Minha cabeça? Meu pau?

No dia 14, Dia dos Namorados, decidi que era tempo para uma mudança de cenário. Nona surgiu em seguida, mas isso vocês já sabem.

Precisam entender o que ela significava para mim, caso isso adiante alguma coisa. Ela era mais bonita do que a tal garota, porém não se tratava disso. Em um país rico, boa aparência é o que não falta. Era o seu interior. Ela era sexy, porém a sexualidade que emanava dela era como algo fixo - um sexo cego, uma espécie de sexo aderente, para não ser negado e não tão importante, já que se tratava de algo tão instintivo como a fotossíntese. Não um sexo animal, mas um sexo de planta. Dá para entender? Eu sabia que faríamos amor, que o faríamos como homens e mulheres o fazem, mas que nossa união seria tão vaga, tão remota e sem significado, como a hera abrindo seu caminho para o alto, em uma treliça, ao solde agosto.

O sexo só era importante, porque não era importante.

Eu creio - não, tenho certeza - de que a violência era a real força motriz. A violência era real, não apenas um sonho. Tão grande, tão rápida e dura, como o Ford 52 de Ace Merrill. A violência de A Boa Comida do Joe, a violência de Norman Blanchette. Inclusive, havia algo de cego e vegetativo nisso. Talvez ela fosse apenas uma gavinha adesiva, afinal de contas, porque a Vênus papa-moscas é uma espécie de vinha, com a diferença de ser carnívora e de fazer movimentos animais, quando uma mosca ou um pedaço de carne crua é colocado em sua goela. E isto era absolutamente real. A vinha esporulada pode apenas sonhar que fornica, mas tenho certeza de que a Vênus papa-moscas saboreia aquela mosca, sente prazer na diminuição~de esforços do inseto, quando suas presas se fecham em torno dele.

A última parte era minha passividade. Eu não conseguia tapar o buraco em mi-

nha vida. Não o deixado pela garota ao dizer adeus - não quero atribuir-lhe isto - mas aquele que sempre esteve lá, o escuro e confuso torvelinho que nunca cessava dentro de mim. Nona preencheu esse buraco. Fez com que me movesse e agisse.

Fez-me nobre.

Agora, vocês compreendem um pouquinho da situação. Por que eu sonho com ela. Por que permanece o fascínio, a despeito do remorso e da repulsa. Por que a odeio. Por que a temo. E por que, mesmo agora, eu ainda a amo.

Eram doze quilômetros, da rampa de Augusta até Gardiner, e nós os cobrimos em escassos minutos. Agarrei firmemente a lima de unhas a um lado do corpo e vi o sinal verde, iluminado por refletores- PARA A SAÍDA 14, MANTENHA A SUA DIREITA - piscando na noite. A lua se fora e a neve começara a cair.

- Eu gostaria de poder levá-los mais longe - disse Blanchette.

- Está tudo bem - respondeu Nona calorosamente, mas pude sentir sua fúria zumbindo e penetrando na carne sob meu crânio, como uma ferroada seca. Basta deixar-nos no alto da rampa.

Ele iniciou a subida, observando a velocidade de trinta milhas horárias, indicada para a rampa. Eu sabia o que ia fazer. Sentia as pernas transformadas em chumbo quente.

O alto da rampa era iluminado por uma luz no alto. À esquerda, eu podia divisar as luzes de Gardiner contra o céu de nuvens espessas. À direita, nada além do negrume. Não havia trânsito algum, vindo de qualquer lado, ao longo da estrada de acesso.

Desci do carro. Nona deslizou pelo assento, oferecendo a Norman Blanchette um sorriso final. Eu não estava preocupado. Ela dirigia a peça.

Blanchette ofereceu um ofensivo sorriso porcino, aliviado por ficar livre de nós.

- Bem, boa noi...

- Oh, minha bolsa! Não vá embora com minha bolsa!

- Eu apanho - falei para ela.

Inclinei-me para c, banco traseiro. Blanchette viu o que eu tinha na mão e o sorriso porcino de seu rosto congelou-se.

Agora, surgiram luzes na colina, porém era demasiado tarde para parar. Nada me interromperia mais. Peguei a bolsa de Nona com a mão esquerda. Com a direita, mergulhei a lima de aço para unhas na garganta de Blanchette. Ele baliu uma vez.

Saí do carro. Nona acenava para o veículo que se aproximava. Eu não conseguia ver o que estava no escuro e na neve; via apenas os dois círculos brilhantes de seus faróis. Agachei-me atrás do carro de Blanchette, espiando pelos vidros traseiro

As vozes quase se perdiam, na garganta cheia do vento. problema, dona? pai... vento... teve um ataque do coração' Poderiam...

Deslizei ao longo do porta-mala do Impala de Norman Blanchette, agachado. Podia vê-los agora. A silhueta esguia de Nona e uma forma mais alta. Pareciam parados ao lado de uma pickup. Virando-se, aproximaram-se da janela do motorista do Chevrolet. onde Noiman Blanchette escorregara para cima do volante. com a lima de Nona em sua garganta. O motorista da pickrip era um rapaz, vestindo o que parecia um blusão da Força Aérea. Inclinou-se para o interior. Eu apareci atrás dele.

- Céus, dona! - exclamou ele. - Há sangue neste sujeito! O que...

Enganchei meu cotovelo direito à volta de seu pescoço e agarrei o punho direito com a

mão esquerda. Apertei com força. A cabeça do rapaz bateu no topo da porta e houve um roc! surdo. Ele caiu flácido em meus braços.

Eu ainda podia ter parado. Ele não vira Nona direito e nem chegara a dar por mim. Eu podia ter parado ali. Contudo, ele era um intrometido, alguém em nosso caminho, tentando prejudicar-nos Eu estava cansado de ser prejudicado. Estrangulei-o.

Ao terminar, ergui os olhos e vi Nona focalizada pelas luzes conflitantes do sedã e da pic kup, seu rosto um ricto grotesco de ódio, amor, triunfo e alegria. Ela estendeu os braços e fui para eles. Beijamo-nos. Sua boca era fria, mas a língua tinha calor. Mergulhei as duas mãos nos vãos secretos de seus cabelos, enquanto o vento uivava à nossa volta.

- Agora, termine - disse ela. - Antes que apareça mais alguém.

Eu terminei. Era uma tarefa desleixada, mas eu sabia tudo quanto era preciso para nós. Um pouco mais de tempo. Depois disso, não importava. Estaríamos salvos.

O corpo do rapaz era leve. Ergui-o nos braços, carreguei-o através da estrada e o atirei na ladeira, além dos guurdruds. Seu corpo ricocheteou frouxamente por todo o trajeto até o fundo, rolando, cabeça acima dos calcanhares, como um boneco de trapos, o espantalho que o Sr. Hollis me fazia colocar na plantação de trigo. todos os julhos. Voltei para apanhar o Sr. Blanchette.

Ele era mais pesado e sangrava como um porco ferido. Tentei coloca-lo ereto, cambaleei três passos para trás e ele escorregou de meus braços, caindo na estrada. Virei-o para cima. A neve recente aderira ao seu rosto, transformando-o em uma máscara de esquiador.

Abaixei-me, agarrei-o por baixo dos braços e o arrastei para a sarjeta. Seus pés desenhavam sulcos atrás dele. Joguei-o pela borda da estrada e o vi deslizar pela rampa, de costas, os braços acima da cabeça. Os olhos estavam arregalados, fitando como que fascinados os flocos de neve que caíam neles. Se a neve continuasse caindo, ambos seriam apenas vagos monturos, na ocasião em que chegassem os limpa-neves.

Cruzei a estrada de volta. Nona já se acomodara na pickup, sem que ninguém precisasse dizer-lhe que veículo usaríamos. Pude ver a mancha pálida de seu rosto. os furos escuros dos olhos, mas foi tudo. Entrei no carro de Blanchette. sentei-me sobre os regatos de sangue que se tinham empoçado sobre o assento

acolchoado de vinil, e o dirigi para o acostamento. Apaguei os faróis, liguei os quatro pisca-alertas e saí. Para quem passasse perto, pareceria que o motorista tivera problemas com o motor e então caminhara até a cidade, em busca de uma garagem. Fiquei muito satisfeito com minha improvisação. Era como se tivesse assassinado pessoas a vida inteira. Trotei de volta à picknp, que permanecia com o motor ligado, sentei-me ao volante e manobrei para a rampa de entrada do pedágio.

Ela se sentou ao meu lado, sem me tocar, mas bem perto. Quando se movia, às vezes eu sentia uma mecha de seus cabelos em meu pescoço. Era como ser tocado por um

diminuto eletrodo. Em certo momento, tive que esticar a mão e pousá-la em sua perna, para certificar-me de que ela era real. Nona riu quietamente. Era tudo bem real. O vento ululava em torno das janelas, atirando neve em grandes e ríspidas rajadas.

Rodamos para o sul.

Logo depois da ponte de Harlow, quando se entra na 126 para Castle Heights, chega-se a uma enorme e renovada fazenda, que tem o hilariante nome de Liga dos Jovens de Castle Rock. Eles possuem doze pistas para boliche, com desengonçados levantadores automáticos de pinos, que em geral se limitam a funcionar nos três últimos dias da semana, algumas antigas máquinas de fliperama, uma vitrola automática com os maiores sucessos de 1957, três mesas Brunswick de bilhar e um balcão para a venda de Coca-e-batatas-fritas, onde também se alugavam sapatos para boliche, que pareciam recém-saídos dos pés de coveiros mortos. O nome do lugar é hilariante, porque a maioria dos jovens de Castle Rock preferia o cinema drive-in de Jay Hill à noite ou as corridas de carros envenenados em Oxford Plains. Os que apareciam por ali eram, em sua maior parte, os desordeiros de Gretna, Harlow e da própria Rock. A média era de uma briga por noite, no pátio de estacionamento.

Comecei a pintar por lá, quando entrei para o ginásio. Um de meus conhecidos, Bill Kennedy, tinha um emprego na Liga dos Jovens três noites por semana e, não havendo ninguém à espera de mesa para o bilhar, ele me deixava jogar de graça por algum tempo. Não era grande coisa, porém ficava melhor do que voltar à casa dos Hollis.

Foi onde conheci Ace Merrfl. Ninguém tinha dúvidas, quanto a ele ser o maior valentão de três cidades. Dirigia um Ford conversível §2, envenenado. Corria o boato de que, quando preciso, chegava aos 210 quilômetros. Merrill entrava lá como um rei, os cabelos reluzindo de brilhantina, repuxados para trás, com um perfeito topete no alto da testa, disputava alguns jogos em donble-hank, por um dime a bola (Era bom nisso? Nem duvidem), comprava uma Coca para Betsey quando ela chegava, e então iam embora. Quase se podia ouvir um relutante suspiro de alívio dos presentes, assim que a castigada porta da frente se fechava asmaticamente. Ninguém jamais fora ao pátio de estacionamento com Ace Merrill.

Ninguém, isto é, exceto eu.

Betsey Malenfant era namorada dele, a garota mais bonita de Castle Rock,

creio eu. Não acho que fosse das mais inteligentes, porém isso não importava, quando se olhava para ela. Tinha a pele mais imaculada que já vi e não era resultado de frascos de cosméticos. Os cabelos eram negros como carvão, os olhos escuros, a boca generosa, um corpo de dar água na boca -e ela não se importava de exibi-lo. Quem iria pensarem assediá-la ou tentar dirigir sua locomotiva, com Ace por perto? Ninguém em seu juízo perfeito, eis a verdade.

Gamei por ela. Não da maneira como aconteceu com a outra garota, não da maneira como aconteceu com Nona, embora Betsey parecesse uma versão mais nova dela, porém com o mesmo desespero, a mesma seriedade. Se vocês já sofreram o pior caso de amor juvenil, sabem como me sentia. Ela estava com dezessete anos, dois a mais do que

eu.

Comecei a aparecer por lá cada vez com mais freqüência, inclusive nas noites em que Billy não trabalhava, apenas para vê-Ia de relance. Eu me sentia como um observador de pássaros, exceto que aquele era um tipo de tarefa alucinada para mim. Voltava para casa, mentia aos Hollis sobre aonde andara e subia para meu quarto. Escrevia longas e apaixonadas cartas para ela, contando-lhe tudo que gostaria de fazer com ela, depois as rasgava. Nas salas de estudo do colégio, sonhava em pedi-ia para casar comigo, de modo que depois fugiríamos juntos para o México.

Betsy devia ter percebido o que. acontecia e isso certamente a lisonjeou um pouco, porque era gentil comigo, quando Ace não andava por perto. Aproximava-se e conversava, deixava que eu lhe comprasse uma Coca, sentavase em uma banqueta e, disfarçadamente, esfregava a perna na minha. Aquilo me enlouquecia.

Certa noite, em começos de novembro, eu perambulava por lá, jogando um pouco de bilhar com Bill, enquanto esperava a chegada de Betsey. O lugar estava deserto, pois não eram nem oito da noite ainda. Um vento solitário gemia lá fora, ameaçando o inverno.

- É melhor você cair fora - disse Bfly, atirando a nove direta na caçapa.

- Cair fora, como?

- Você sabe.

- Não, eu não sei.

Errei uma tacada e Billy acrescentou uma bola à mesa. Acertou a seis e, enquanto jogava, fui colocar uma moeda na vitrola automática.

- Betsy Malefant. - Ele alinhou a bola cuidadosamente e a enviou contra a borda. - Charlie Hogan andou contando a Ace a maneira como você fica peruando a garota. Charlie achou muito engraçado, isso dela ser mais velha e tudo, porém Ace não achou graça nenhuma.

- Ela não significa nada para mim - falei, num fio de voz.

- É bom que não signifique mesmo.

Mal ele terminou de falar, chegaram dois sujeitos e então ele foi até o balcão, entregar-lhes um taco de bilhar.

Ace apareceu por volta das nove e estava sozinho. Nunca me dera a mínima antes

e eu até já esquecera o comentário de Billy. Quando somos invisíveis, achamos que somos também invulneráveis. Eu jogava fliperama e estava absolutamente concentrado naquilo. Nem mesmo percebi que o lugar ficava silencioso, enquanto todos paravam de jogar boliche ou bilhar. A coisa seguinte que soube, foi que alguém me jogara em cima

do fliperama. Atenrei no chão, amontoado. Levantei-me. amedrontado e nauseado. Ele tinha inclinado a máquina, apagando meus três replnvs. Estava lá em pé. olhando para mim. e não havia um fio de cabelo fora do lugar, com o zíper puxado a meio em seu blusão militar.

- Senão parar de se metera besta -disse maciamente -vou modificar sua cara.

Ele foi embora. Todos olhavam para mime eu queria afundar bem ali, no chão à minha frente, até ver que havia uma espécie de relutante admiração na maioria dos rostos. Então, sacudi a roupa com ar despreocupado e enfiei outra moeda no fliperama. A luz INCLINA DO apagou-se. Dois sujeitos aproximaram-se e bateram em minhas costas antes de irem embora, sem dizerem nada.

Às onze, quando o lugar fechou, Billy ofereceu-me uma carona até em casa.

- Se não tomar cuidado, você vai acabar mal.

- Não se preocupe comigo - respondi.

Ele nada disse.

Duas ou três noites mais tarde, Betsey apareceu, por volta das sete da noite. Havia outro cara lá, um sujeitinho esquisito de óculos, chamado Vern Tessio, que largara a escola uns dois anos antes. Mal o percebi. Ele era ainda mais invisível do que eu.

Ela foi diretamente para onde eu jogava, chegou tão perto, que pude sentir o cheiro limpo de sabonete em sua pele. Aquilo me tonteou.

- Ouvi sobre o que Ace fez com você -disse ela. - Sei que não devo falar mais com você e não falarei, mas tenho algo que melhorará a situação.

Ela me beijou. Depois afastou-se, antes mesmo que eu pudesse baixara língua do céu da boca. Voltei ao meu jogo, ainda atordoado. Nem mesmo via quando Tessio saiu, para espalhar a novidade. Aliás, eu não via mais nada, além dos olhos escuros, muito escuros de Betsey.

Assim, mais tarde nessa noite, terminei no pátio de estacionamento com Ace Merrill. Ele me surrou com vontade. Era uma noite fria, terrivelmente fria, e por fim comecei a soluçar, pouco ligando para quem estivesse vendo ou ouvindo isto é, todos. A única lâmpada de sódio jogava impiedosamente sua claridade para baixo. Nem mesmo consegui acertar um soco nele.

- Muito bem - disse ele, agachando-se perto de mim. O ritmo de sua respiração nem se alterara. Tirou um canivete de molas do bolso e apertou o botão cromado. Dezoito centímetros de reluzente lâmina prateada saltaram para o mundo. - É isto o que vai ganhar da próxima vez. Vou esculpir meu nome no seu saco.

Ele se levantou, deu-me um último pontapé e foi embora. Fiquei no mesmo lugar por uns dez minutos. tremendo sobre a terra batida do piso. Ninguém veio

ajudar-me ou bater-me nas costas, nem mesmo Billy. Betsy não apareceu, para meIhórar a situação.

Finalmente, encontrei forças para levantar-me e fui de carona até em casa. Contei à Sra. Hollis que pegara carona com um bêbado e ele jogara o carro fora da estrada. Nunca mais voltei ao boliche.

Fiquei sabendo que Ace rompera com Betsy, não muito depois disso. A partir de então, ela foi descendo a colina, em rapidez cada vez mais acentuada-como um caminhão de carga sem freios. Durante o trajeto, ela acabou tendo um caso de doença venérea. Billy me contou que a vira certa noite no Manoir, em Lewinston, assediando sujeitos para lhe pagarem uma bebida. Havia perdido a maioria dos dentes e tivera o nariz quebrado em algum ponto ao longo da caminhada, segundo ele. Acrescentou que eu nem a reconheceria. Aquela altura, no entanto, aquilo pouco me importava.

A pichup não tinha pneus para neve, de modo que antes de chegarmos à saída para Lewinston, eu começara a dançar sobre a recente camada de neve pulverizada. Levamos mais de quarenta e cinco minutos para cobrir os trinta e cinco quilômetros.

O homem na saída de Lewinston ficou com meu cartão de pedágio e meus sessenta centavos.

- Viagem escorregadia?

Nenhum de nós respondeu. Estávamos agora chegando perto de nosso destino. Se eu não houvesse sentido aquela curiosa espécie de contato sem palavras com ela, seria capaz de dizê-lo, apenas pela forma como Nona se sentava no banco empoeirado da pickup, as mãos apertadamente dobradas em cima da bolsa, os olhos fixos diretamente na estrada, com feroz intensidade. Um estremecimento sacudiu meu corpo.

Tomamos a estrada 136. Não havia muitos carros à vista. O vento era refrescante e a neve estava ficando mais dura do que nunca. No outro lado de Harlow Village, passamos por um enorme Buick "Riviera", que havia patinado na neve e trepado na calçada. Seus pisca-alerta estavam ligados e tive uma fantasmagórica e dupla imagem do Impala de Norman Blanchette. Agora devia estar coberto de neve, nada mais que um monte espectral na escuridão.

O motorista do Buick tentou fazer-me parar, mas passei por ele sem diminuir a velocidade, atirando-lhe neve pulverizada. Meus limpadores de pára-brisa estavam emperrados pela neve e, espichando o braço, consegui libertaro do meu lado. Parte da neve se soltou e pude enxergar um pouco melhor.

Harlow era uma cidade fantasma, com tudo escuro e fechado. Assinalei minha direita. a fim de entrar na ponte para Castle Rock. As rodas traseiras queriam ir para outro lado, porém consegui firmar a direção. À frente e do outro lado do rio, era possível divisar a sombra escura, formada pelo prédio da Liga dos Jovens de Castle Rock. Estava fechado e solitário. Senti uma pena súbita, pena por ter havido tanta dor. E morte. Foi quando Nona falou pela primeira vez, desde a saída de Gardiner.

- Há um policial atrás de você.

- Ela está...?

- Não. O pisca-pisca está desligado.

Contudo, aquilo me deixou nervoso e o que aconteceu talvez tenha sido por isso. A Estrada 136 faz uma curva de noventa graus no lado do rio que dá para Harlow e depois segue reta até a ponte para Castle Rock. Fiz a primeira curva, porém havia gelo no lado de Rock.

- Merda... !

A traseira da pickiep dançou e, antes que eu pudesse controlara direção, ela já batera em um dos maciços pilares de aço da ponte. Continuamos deslizando em ziguezague e a coisa seguinte que vi foram os brilhantes faróis do carro policial atrás de nós. Ele freou - pude ver os reflexos vermelhos na neve que caía - mas o gelo o apanhou também. Veio direto sobre nós. Houve uma batida metálica e violenta, quando tornamos a colidir com os pilares de suporte. Fui atirado ao colo de Nona e, mesmo naquela rápida fração de segundo, houve tempo para sentir a uniforme firmeza de sua coxa. Então, tudo cessou. Agora, o tira havia ligado o pisca-pisca. Ele enviava giratórias sombras azuis, que passavam sobre o capô da pickap e iluminavam as vigas cruzadas de aço da ponte Harlow-Castle Rock, cobertas de neve. Quando o tira saiu do carro, a luz do teto acendeu-se.

Se ele não estivesse atrás de nós, nada teria acontecido. Esse pensamento vai e vem em minha mente, como a agulha de um disco, presa em um sulco defeituoso. Eu exibia um sorriso tenso e gélido no escuro, quando apalpei o piso da boléia da pickup, em busca de algo com que atingi-lo.

Havia uma caixa de ferramentas aberta. Peguei uma chave de soquete e a deixei no banco, entre Nona e eu. O tira inclinou-se na janela, seu rosto modificando-se como o de um demônio, à luz de seu pisca-pisca.

- Não acha que está viajando um pouco depressa para as condições do tempo?

- E você não estava me seguindo perto demais, para as condições do tempo?

Ele devia ter enrubescido. Era dificil saber, àquela luz tremulante.

- Está me desacatando, filho?

- Estou, se você pretende responsabilizar-me pelo amassado em seu carro.

- Mostre-me sua licença de motorista e seu registro.

Peguei minha carteira e entreguei-lhe minha licença.

- O registro?

- O carro é de meu irmão. O registro está em sua carteira.

- É mesmo? - Ele me fitou duramente, tentando fazer-me baixar os olhos. Quando viu que isso demoraria um pouco, fixou-se em Nona. Eu podia ter-lhe arrancado os olhos, pelo que vi neles. - Como se chama?

- Cheryl Craig, senhor.

- O que está fazendo, viajando na pickup do irmão dele, em meio a uma tempestade de neve, Cheryl?

- Estamos indo visitar meu tio.

- Em Rock?

- Exatamente.

- Não conheço nenhum Craig em Castle Rock.

- Seu sobrenome é Emonds. Em Bowen Hill.

- É mesmo? - O tira caminhou até a traseira da pickup, a fim de verificar a chapa de matrícula. Abria a porta e inclinei-me para fora. Ele anotava o número. Voltou enquanto eu ainda me inclinava, focalizado ao clarão de seus faróis, da cintura para cima. - Eu vou... O que houve com você, rapaz?

Não precisei olhar para baixo, a fim de saber o que houvera comigo. Eu costumava pensar que inclinar-me para fora daquele jeito era apenas alheamento, mas ao registrar tudo isto, mudei de idéia. Não creio que fosse nenhum alheamento. Eu queria que ele visse o meu estado. Firmei os dedos em torno da chave de soquete.

- O que quer dizer?

Ele aproximou-se dois passos.

- Você está ferido - parece que se cortou. É melhor...

Saltei para ele. Seu chapéu havia caído com o choque do carro e o tira estava de cabeça descoberta. Atingi-o para matar, logo acimada testa. Nunca esquecerei aquele som, como o de meio quilo de manteiga, cainda em um chão duro.

- Depressa - disse Nona.

Pousou uma mão tranqüila em meu pescoço. Estava muito frio, como o arem um porão subterrâneo. Minha mãe adotiva tinha um porão subterrâneo.

É curioso que me lembre disso. Ela me mandava ir lá embaixo, apanhar verduras no

inverno. Ela mesma as enlatava. Não em latas de verdade, claro, mas em grossos potes Mason, com aqueles vedadores de borracha sob a tampa.

Desci lá um dia, para pegar um pote de feijão-manteiga que ela serviria no jantar. As conservas estavam todas em caixas, claramente marcadas pela mão da Sra. Hollis. Recordo que ela sempre escrevia framboesa errado, algo que me enchia de secreta superioridade.

Naquele dia, passei pelas caixas marcadas "frambeza" e cheguei ao canto onde ela guardava os feijões. Estava frio e escuro. As paredes eram de terra, lisa e escura. No tempo das chuvas, segregavam umidade, em regatos gotejantes e tortuosos. O cheiro era um secreto e obscuro eflúvio, composto de coisas vivas, terra e vegetais estocados, um cheiro extraordinariamente semelhante ao das partes privadas de uma mulher. Em um canto havia uma velha impressora quebrada, que eu sempre vira ali, desde a minha chegada. Às vezes, eu costumava brincar com ela, fingir que poderia pô-la funcionando novamente. Eu adorava aquele porão subterrâneo. Naquela época -eu teria nove ou dez anos -o porão era meu local favorito. A Sra. Hollis recusava-se a pôr os pés lá embaixo, e era contra a dignidade de seu marido descer para apanhar verduras. Assim, quem ia era eu, e cheirava aquele peculiar odor secreto de terra, apreciava a privacidade de seu confinamento uterino. 0 porão tinha a claridade de uma lâmpada coberta de teias de

aranha, posta lá pelo Sr. Hollis, provavelmente antes da Guerra dos Boers. Às vezes, movimentando as mãos, eu fazia enormes coelhos alongados na parede.

Apanhei o pote de feijão e já ia voltar, quando ouvi um movimento rogaçante debaixo de uma das caixas velhas. Fui até ela e a levantei.

Havia uma rata castanha debaixo dela, deitada de lado. Ela girou a cabeça para cima e me olhou. Seu lados estavam violentamente inchados e ela me arreganhou os dentes. Era a maior ratazana que eu já vira e inclinei-me um pouco mais para ela. Estava no ato de parir. Dois filhotes, pelados e cegos, já mamavam em seu ventre. Outro estava a meio caminho para o mundo.

A mãe me fitou, impotente, mas pronta para morder. Eu queria matá-la, matar todos eles, esmagá-los, mas não pude. Era a coisa mais horrível que já vira. Enquanto espiava, uma pequena aranha marrom -acho que uma pema-longa-restejou rapidamente pelo chão. A ratazana agarrou-a e a comeu.

Fugi dali correndo. Em meio da escada, caí e quebrei o pote de feijão. A Sra. Hollis me bateu por isso e nunca mais voltei ao porão, a menos que houvesse absoluta necessidade.

Eu olhava para o tira caído, enquanto recordava.

- Depressa - repetiu-Nona.

Ele era muito mais levedo que Norman Blanchette ou, talvez, a minha adrenalina é que fluía mais livremente. Levantei-o nos braços e fui com ele até a borda da ponte. Mal percebia as cascatas, corrente abaixo, e, corrente acima, o viaduto de ferrovia GS &

WM era apenas uma sombra curiosa, como um cadafalso. O vento da noite fustigava e gemia, a neve me batia no rosto. Por um momento, mantive o tira contra meu tórax, como um recém-nascido adormecido, depois recordei quem realmente ele era e o joguei por sobre a borda, para a escuridão mais abaixo.

Voltamos à pickup e entramos, mas o motor não pegava. Insisti, até sentir o cheiro adocidado da gasolina, vindo do carburador inundado. Então, parei.

- Vamos - falei.

Fomos para o carro-patrulha. O banco dianteiro estava entulhado de etiquetas de violação, formulários, duas pranchetas. O rádio de ondas-curtas, abaixo do painel, estalava e crepitava.

- Unidade Quatro, responda. Quatro, está ouvindo?

Estirei o braço e o desliguei, batendo em algo com os nós dos dedos, enquanto procurava ó botão certo. Era uma espingarda de caça, pump action. Provavelmente, uma arma de uso particular do tira. Tirei-a dali e a passei para Nona. Ela colocou a espingarda no colo. Fiz o carro-patrulha dar marcha à ré. Estava amassado, mas sem estragos maiores. Dispunha de pneus para neve, que mordiam o solo maravilhosamente, tão logo começamos a rodar sobre o gelo que causara o estrago.

Logo depois estávamos em Castle Rock. As casas tinham desaparecido, exceto por um ocasional e castigado trailer, recuado da estrada. Esta ainda não fora limpa, não havendo outras marcas no solo além das que deixávamos para trás. Pinheiros monolíticos, pesados de neve, alteavam-se à nossa volta, fazendo com

que me sentisse pequeno e insignificante, apenas mais um diminuto bocado que a garganta daquela noite tragava. Agora já passava das dez horas.

Não tive grande participação na vida social estudantil durante meu primeiro ano de universidade. Estudei com afinco e trabalhei na biblioteca, pondo livros nas prateleiras, reparando encadernações e aprendendo a cataloga-los. Na primavera houve o beisebol dos calouros.

Quando o ano acadêmico estava para terminar, logo antes das finais, houve um baile no ginásio. Eu estava sem compromissos, estudei para as duas provas iniciais e desci. Tinha o dinheiro da entrada, por isso, entrei.

O ambiente estava escuro, apinhado, suado e frenético como só pode estar uma atividade social universitária, antes das provas finais. Havia sexo no ar. Não se precisava cheira-lo; quase se podia apanha-lo nas mãos, como uma peça grossa de roupa molhada. Sabia-se que havia amor a ser feito mais tarde -ou o que passa por amor. As pessoas iriam fazê-lo sob as arquibancadas, nas instalações de maquinaria para vapor do pátio de estacionamento, nos apartamentos e quartos dos dormitórios. Ia ser feito por rapazes/homens desesperados, com o recrutamento militar em seus calcanhares e por lindas estudantes que encerrariam os estudos aquele ano, iriam para casa e iniciariam uma família. Seria feito com lágrimas e risos, bebedeira e lucidez, formalmente e sem

inibição alguma. Contudo, a maioria ia ser feita rapidamente.

Havia alguns rapazes desacompanhados, mas não muitos. Aquela era uína noite em que não se precisaria ir a qualquer lugar desacompanhado. Vagueei até o tablado do conjunto musical. Quando cheguei mais perto do som, o ritmo, a música, tornaram-se uma coisa palpável. O conjunto tinha às costas um grupe, de amplificadores de metro e meio, em forma de semicírculo, de maneira que se podia sentir os tímpanos indo e vindo, no compasso do contrabaixo.

Recostei-me a uma parede e observei. Os dançarinos movimentavam-se em padrões prescritos (como se fossem trios, em vez de casais, com a terceira pessoa invisível entre eles, empurrada pela frente e por trás), os pés se movendo sobre o pó de serra que fora espalhado sobre o piso encerado. Não vi nenhum conhecido e comecei a sentir-se solitário, mas sem que isso me entristecesse. Encontrava-me naquela fase da noite quando fantasiamos que todos olham para nós pelo canto dos olhos, apreciando o romântico estranho.

Meia hora mais tarde, saí e fui beber uma Coca no saguão. Quando voltei, alguém iniciara uma dança em círculo e me puxaram para lá, meus braços nos ombros de duas garotas que nunca vira antes. Giramos e giramos. Havia talvez umas duzentas pessoas no círculo, o qual cobria metade do piso do ginásio. Então, parte dele se rompeu e vinte ou trinta pessoas formaram outro círculo dentro do primeiro, mas girando em sentido contrário. Aquilo me tonteou. Vi uma moça parecida com Betsy Malenfant, mas sabia que era fantasia minha. Quand,) tornei a procura-la, não a vi mais, nem ninguém que se parecesse com ela.

Finalmente interromperam os círculos, mas eu me sentia fraco e nada bem.

aminhei até as arquibancadas e sentei-me. A música era muito alta, o ar dema-

siado oleoso. Minha mente ficava arfando e bocejando. Eu podia ouvir o coração bater em minha cabeça da maneira que sentimos depois da maior carraspana de nossa vida.

Eu costumava pensar que o ocorrido em seguida, aconteceu por eu estar cansado e algo nauseado de tanto girar e girar mas, como disse antes, ao escrever tudo isto, as coisas entraram em um foco mais nítido. Não acredito mais naquilo.

Tornei a olhar para eles, para todas aquelas pessoas, belas e apressadas, na semi-escuridão. Tive a impressão de que todos os homens pareciam aterrorizados, com os rostos alongados para grotescas máscaras em câmara lenta. Era compreensível. As mulheres - estudantes de escola mista, em suas suéteres, saias curtas, calças boca-de-sino - estavam transformando-se em ratos. A princípio, isso não me amedrontou. Até dei risadinhas. Sabia que estava vendo alguma espécie de alucinação e, por alguns momentos, pude apreciar o quadro de maneira quase clínica.

Então, uma garota ficou na ponta dos pés para beijar o parceiro e isso foi demais. Rosto peludo e contorcido, com olhos que eram bolas negras erguendo-se para o alto, boca revelando dentes...

Fui embora dali.

Fiquei um momento no saguão, um tanto vacilante. Havia um baile no fim do corredor, mas segui por ele e subi a escada.

O vestiário ficava no terceiro andar e precisei subir correndo o último lance de escadas. Empurrei a porta e corri para uma das cabines de banho. Vomitei entre o cheiro mesclado de linimento, uniformes suados, couro engraxado. A música lá de baixo chegava distante, o silêncio aliem cima era virginal. Senti-me confortado.

Tivemos que pararem um sinal da Curva Sudoeste. A recordação do baile me deixara excitado, por algum motivo que não entendia. Comecei a tremer.

Ela olha, para mim, sorrindo com as pupilas escuras.

- Vamos?

Não pude responder-lhe. Estava tremendo demais para falar. Ela assentiu lenamente, em meu lugar.

Manobrei para um ramal da Estrada 7, que devia ter sido uma estrada de troncos, na época do verão. Não fui muito depressa, receando ficar atolado. Desliguei os faróis, e flocos de neve começaram a amontoar-se silenciosamente no pára-brisa.

- Você ama? - perguntou ela, quase gentilmente.

Certos sons continuavam escapando de mim, eram-me extraídos. Penso que seriam uma íntima contraparte oral dos pensamentos de um coelho, apanhado em uma armadilha.

- Aqui - disse ela. - Bem aqui.

Foi o êxtase.

Quase não conseguimos retornar à estrada principal. 0 limpa-neves havia

passado, luzes alaranjadas piscando e cintilando na noite, atirando uma enorme muralha de neve em nosso caminho.

Havia uma pá no porta-mala do carro-patrulha. Precisei de meia hora para abrir passagem e, a essa altura, era quase meia-noite.

Ela ligou o rádio da polícia enquanto eu me atirava à tarefa de limpar a neve, e ele nos contou o que precisávamos saber. Os corpos de Blanchette e do rapaz da pickup tinham sido encontrados. Eles suspeitavam de que nos tínhamos apossado do carro-patrulha. O nome do tira tinha sido Essegian, um nome que achei engraçado. Houve um jogador de primeira divisão chamado Essegian - creio que ele jogava para os Dodgers. Talvez eu tivesse matado um parente seu. Não me incomodei em saber o nome do tira. Ele estivera nos perseguindo perto demais, havia cruzado o nosso caminho.

Dirigimos de volta à estrada principal.

Eu podia sentir o excitamento de Nona, vivo, quente, ardendo. Parei o tempo suficiente para limpar o pára-brisa com o braço e recomeçaremos a rodar.

Seguimos pelo lado oeste de Castle Rock e, sem precisar que me dissessem, eu sabia onde virar. Um indicador incrustado de neve dizia que era a Estrada Stackpole.

O limpa-neves não estivera ali, mas um veículo passara antes de nós. Os sulcos de seus pneus ainda estavam recentes, no chão atapetado pela neve que caía.

Um quilômetro e meio, depois menos do que isso. A viva ansiedade de Nona, sua necessidade, acabaram contagiando-me e comecei a ficar novamente apreensivo. Dobramos uma curva e lá estava o caminhão de força elétrica, com sua carroceria laranja-vivo e pisca-alertas de aviso, pulsando na cor do sangue. Estava bloqueando a estrada.

Não podem imaginar a raiva dela-em realidade, a nossa raiva-porque agora, depois de tudo quanto ocorrera, nós dois éramos um. Não podem avaliar a devastadora sensação de intensa paranóia, a convicção de que todas as mãos agora se voltavam contra nós.

Eram dois homens. Um era uma sombra encurvada na escuridão à frente. O outro segurava uma lanterna. Caminhou para nós, sua luz bamboleando como um olho sinistro. E havia mais do que raiva. Havia medo - medo de que tudo desse errado para nós, no último momento.

O homem gritava, e então baixei o vidro de rqinha janela.

- Não pode passar por aqui! Dê a volta pela Estrada Bower! Houve uma queda de fio de alta tensão aqui! Não pode...

Saí do carro, ergui a espingarda e enviei-lhe dois balaços. Ele foi atirado contra o caminhão alaranjado e eu cambaleei para trás, contra o carro-patrulha. O homem escorregou, poucos centímetros de cada vez, os olhos fixos em mim incredulamente, depois caiu sobre a neve.

- Há mais cartuchos? - perguntei a Nona.

- Há.

Ela me deu os cartuchos. Dobrei a espingarda, ejetei os cartuchos gastos e coloquei novos.

O companheiro do sujeito se levantara e estava olhando o ocorrido, sem acreditar no que via. Gritou para mim algo que se perdeu no vento. Parecia uma pergunta, mas não fazia diferença. Eu ia matá-lo. Caminhei para ele e o homem apenas ficou lá parado, olhando para mim. Não se moveu, nem quando ergui a espingarda. Acho que não imaginava o que ia acontecer. Talvez julgasse tudo aquilo um sonho.

Enviei um balaço, mas baixo demais. Um grande jato de neve explodiu para o alto, cobrindo-o. Então, ele deu um berro aterrorizado e correu, dando um salto gigantes^,o sobre c cabo de força caído na estrada. Atirei novamente e tornei a perder o tiro. A seguir, o homem desapareceu na escuridão e agora eu podia esquecê-lo. Não estava mais em nosso caminho. Retornei ao carro-patrulha.

- Vamos ter que caminhar - falei.

Passamos ao lado do corpo caído, saltamos sobre o crepitante cabo elétrico e seguimos pela estrada, acompanhando as passadas largamente espaçadas do homem que fugira. Alguns montes de neve quase chegavam aos joelhos de Nona, porém ela permanecia sempre um pouco à minha frente. Ambos estávamos ofegando.

Subimos uma colina e descemos paru um estreito buraco. De um lado, havia um inclinado galpão abandonado, com janeh,s sem vidraças. Ela parou e agarrou meu braço.

- ,Lá - disse, apontando para o lado oposto. Sua pressão era forte e doía, mesmo através de meu casaco. Havia um ricto de intensa vitória em seu rosto. Lá! Lá!

Era um cemitério.

Escorregamos e tropeçamos na subida da barragem, depois escalamos dificultosamente um muro de pedra coberto de neve. Eu também já estivera ali, claro. Minha mãe verdadeira era de Castle Rock e, embora ela e meu pai nunca tivessem morado lá, aqui estava o seu pedaço de chão. Havia sido um presente para minha mãe, dado por seus pais, que tinham vivido e morrido em Castle Rock. Durante minha paixonite por t3etsy, eu tinha vindo ali freqüentemente para ler os poemas de Jo: m Keats e Percy Shelley. Talvez vocês achem que era uma coisa idiota a fazer, algo próprio de um calouro universitário, mas eu penso o contrário. Ainda agora, penso assim. Eu me sentia perto deles, consolado. Depois que Ace Merrill me surrou, nunca mais voltei ao cemitério. Até Nona me levar lá.

Escorreguei e caí na neve solta e pulverizada, torcendo o tornozelo. Levantei-me e continuei caminhando, agora usando a espingarda como muleta. O silêncio era infinito, inacreditável. A neve caía em linhas retas e macias, amontoando-se sobre as lousas eretas e as cruzes, sepeltando tudo, exceto as pontas dos corroídos mastros de bandeira, que só sustinham bandeiras no Dia de Finados e Dia dos Veteranos. O silêncio era sacrílego em sua imensidão e, pela primeira vez, senti terror.

Ela me guiou para uma construção de pedra, assentada na subida da colina, aos fundos do cemitério. Um mausoléu. Um sepulcro embranquecido pela neve. Nona tinha uma chave. Eu sabia que ela teria uma chave - e tinha mesmo.

Ela soprou a neve do rebordo da porta e encontrou a fechadura. O som de gonzos girando parecia arranhar, através da escuridão. Ela empurrou a porta, que se abriu para o interior.

O odor que escapou até nós era tão frio como o outono, tão frio como o ar no porão

subterrâneo dos Hollis. Só consegui vislumbrar um pequeno trecho. Havia folhas mortas no chão de pedra. Ela entrou, parou e olhou para mim por sobre o ombro.

- Não - falei.

- Você ama? - ela perguntou e riu de mim.

Fiquei parado na escuridão, sentindo que tudo começava a caminhar junto passado, presente, futuro. Eu queria correr dali, correr gritando, correr depressa o bastante, para desfazer tudo o que havia feito.

Nona ficou lá, olhando para mim, a mais linda garota do mundo, a única coisa que já havia sido minha. Fez um gesto com as mãos sobre o corpo. Não lhes direi como era. Vocês saberiam, se também o vissem.

Entrei. Ela fechou a porta.

Estava escuro, mas eu podia ver perfeitamente. O lugar era iluminado por um fogo verde, que corria lentamente. Ele percorria as paredes e serpenteava em línguas, através do chão forrado de folhas. Havia um esquife no centro do mausoléu, porém estava vazio. Pétalas murchas de rosas espalhavam-se sobre ele, como uma antiga oferenda nupcial. Nona acenou para mim, depois apontou a pequena porta nos fundos. Uma portinhola sem marcas. Tive medo dela. Penso que, então, já sabia. Ela me usara e rira de mim. Agora, ia destruir-me.

Ainda assim, não pude parar. Fui até aquela porta, porque tinha de ir. O telégrafo mental ainda funcionava em júbilo -um terrível e insano júbilo -e triunfo. Minha mão tremeu, quando a estendi para a porta. Ela estava coberta de fogo verde.

Abri a porta e vi o que estava lá.

Era a garota, a minha garota. Morta. Seus olhos espiavam vazios, dentro daquel 3 mausoléu de outubro, fitavam os meus. Ela cheirava a beijos roubados. Estava nua e tinha sido estripada da garganta às virilhas, seu corpo inteiro transformado em um útero. E havia algo vivendo nele. Os ratos. Eu não podia vê-los, mas era possível ouvi-los, correndo dentro dela. Tinha certeza de que, a qualquer momento, sua boca seca se abriria e ela me perguntaria se eu amava. Recuei, sentindo todo o corpo entorpecido, o cérebro flutuan.:o em uma nuvem escura.

Virei-me para Nona. Ela ria, estendendo os braç,_ s para mim. Então, num súbito relance de compreensão, eu soube, soube, soube. A última prova. A prova final. Eu passara por ela e estava livre!

Voltei para a porta de entrada e, naturalmente, tudo aquilo não passava de um closet vazio de pedra, com folhas mortas no piso.

Fui para Nona. Fui para minha vida.

Seus braços enrolaram-se em meu pescoço e eu a puxei para mim. Foi quando ela

começou a transformar-se, a encolher e amoldar-se como cera. Os enormes olhos escuros ficaram pequeninos, eram como contas negras. Os cabelos tornaram-se ásperos e marrons. O nariz encurtou, as narinas dilataram-se. Seu corpo ficou informe, encurvado contra mim.

Eu estava sendo abraçado por um rato.

- Você ama? - guinchou ele. - Você ama, você ama?

Sua boca sem lábios estirou-se para cima, buscando a minha.

Não gritei. Não me sobravam mais gritos. Duvido que ainda torne a gritar um dia.

Está muito quente aqui.

O calor não me incomoda, de modo algum. Gosto de suar, quando posso tomar uma ducha. Sempre pensei no suor como uma coisa boa, uma coisa masculina, mas acontece que às vezes, quando faz calor, há insetos que picam-aranhas, por exemplo. Sabiam que as aranhas fêmeas ferroam e comem seus parceiros Pois é o que fazem, logo após a cópula.

Além disso, ouvi passinhos, apressados nas paredes. Não gosto disso.

Fiquei com cãibras de escritor, a ponta de feltro da caneta agora amoleceu e des fiou. Ainda assim, terminei. E as coisas parecem diferentes. Não parecem mais as mesmas, em absoluto.

Sabem que, por um momento, eles quase me fizeram acreditar que eu havia feito todas aquelas coisas horríveis sozinho? Os homens na parada para caminhões, o sujeito do caminhão da força elétrica, que conseguiu fugir. Eles disseram que eu estava sozinho. Eu estava sozinho quando me encontraram, quase congelado para morrer, naquele cemitério, ao lado das lousas que marcam as sepulturas de meu pai, minha mãe e meu irmão Drake. Isto, contudo, significa apenas que ela foi embora, e vocês bem podem compreender a situação. Qualquer tolo compreenderia. No entanto, fico satisfeito por ela ter ido embora. Fico, sinceramente. Não obstante, vocês precisam entender que ela esteve comigo o tempo todo, passo a passo, no decorrer do trajeto.

Vou matar-me agora. Será muito melhor. Estou cansado de todo esse sentimento de culpa, da angústia e dos pesadelos. Além do mais, não suporto os ruídos nas paredes. Qualquer um poderia estar lá. Ou qualquer coisa.

Não estou louco. Tenho certeza disto e espero que vocês também tenham. Se dizem que não estão loucos, presume-se que o estejam, porém me encontro acima de todos esses joguinhos. Ela estava comigo, era real. Eu a amo. O verdadeiro amor jamais morrerá. Foi como assinei todas as minhas cartas para Betsy, aquelas que rasguei depois de escritas.

Nona, entretanto, foi a única a quem amei realmente.

Faz muito calor aqui. E não gosto dos ruídos nas paredes.

Você ama?

Sim, eu amo.

E o verdadeiro amor jamais morrerá.